



# A expressão metafórica עז-פָּנִים <sup>'az-pānīm</sup> e a configuração retórica do *discurso* *narrativo* em Daniel 8,23

The metaphorical expression עז-פָּנִים <sup>'az-pānīm</sup> and the rhetorical configuration of the *narrative speech* in Daniel 8,23

Petterson Brey\*

PUC-SP

Rodrigo Serveli\*\*

Fuller

Recebido em: 22/05/2024. Aceito em: 18/06/2024.

**Resumo:** “E no fim desses reinos, quando chegarem ao cúmulo os seus pecados, levantar-se-á um rei de olhar arrogante, capaz de penetrar os enigmas” (Dn 8,23 – BJ). Eis um dos três lócus da expressão עז-פָּנִים <sup>'az-pānīm</sup>, traduzida como olhar arrogante – feroz catadura (ARA) –, na Bíblia Hebraica. O presente texto propõe-se a analisar em que medida as duas ocorrências, situadas em Dt 28,50 e Pv 7,13, podem contribuir para a interpretação da retórica discursiva de Dn 8,23. Tal empresa, por conseguinte, se dará por meio de uma abordagem literária, norteada pelos critérios metodológicos da análise narrativa. No que tange à configuração artístico-literária dessa expressão, portanto, verificar-se-á suas feições metafóricas em duas dimensões: (1) na perspectiva da descrição

\* Doutor em Teologia (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, 2023). Pós-Doutorando em Ciência da Religião (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, em andamento). Doutorando em Filosofia (Universidade Federal de São Paulo, USP, em andamento). Mestre em Teologia (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, 2019). Professor de Teologia no Laboratório de Teologia, Espiritualidade e Mística (LabTEM). Membro do Grupo de Pesquisa TIAT (Tradução e Interpretação do Antigo Testamento) CNPq da PUC-SP.

E-mail: pettersonbrey@gmail.com.

\*\* Doutorando em Ministério (Fuller Theological Seminary, Pasadena-CA, USA, em andamento). Mestre em Divindade (Andrews University, Berrien Springs-MI, USA, 2016). Capelão Hospitalar no AdventHealth East-Orlando, FL, USA.

E-mail: rodrigo.serveli@adventhealth.com.



adjetiva da personagem referida por ela; (2) em vista da ação depreendida pelos atores personificados pela representação dessa imagem. Em Dt 28,50, a princípio, עז־פָּנִים 'az-pānīm faz referência a uma nação feroz de rosto (ARA) – rosto duro (BJ) –, que é enviada por YHWH para exercer juízo sobre Israel, em virtude da violação da aliança. Todavia, em Pv 7,13, a variação הָעֵזָה פָּנֵיהָ he'ēzāh pāneyhā – traduzida pela ARA como cara impudente, e como modo sério, pela Bíblia de Jerusalém – remete-se à ação de uma mulher adúltera em relação a um homem que não tornou os mandamentos de Deus como a menina de seus olhos. Dada a exiguidade de episódios narrativos que se valem dessa construção metafórica, é razoável que esta, em virtude de sua precisão retórica, seja analisada como elemento literário artisticamente planejado.

**Palavras-chave:** Bíblia Hebraica; exegese do Antigo Testamento; análise narrativa; עז־פָּנִים; chifre pequeno.

**Abstract:** “And at the end of these kingdoms, when their sins reach the height of their sins, a king with an arrogant look will rise, capable of penetrating the enigmas” (Dn 8,23 – BJ). Here is one of the three locus of the expression עז־פָּנִים 'az-pānīm, translated as arrogant look – fierce snarling (ARA) – in the Hebrew Bible. This text proposes to analyze to what extent the two occurrences, located in Dt 28,50 and Pv 7,13, can contribute to the interpretation of the discursive rhetoric of Dn 8,23. Such an enterprise, therefore, will take place through a literary approach, guided by the methodological criteria of narrative analysis. Regarding the artistic-literary configuration of this expression, therefore, its metaphorical features will be verified in two dimensions: (1) in the perspective of the adjective description of the character referred to by it; (2) in view of the action taken by the actors personified by the representation of this image. In Deuteronomy 28:50, at first, עז־פָּנִים 'az-pānīm refers to a fierce-faced nation (ARA) – hard-faced (BJ) –, which is sent by YHWH to exercise judgment on Israel, due to the violation of the Covenant. However, in Prov 7,13, the variation הָעֵזָה פָּנֵיהָ he'ēzāh pāneyhā – translated by the ARA as impudent face, and seriously, by the Jerusalem Bible – refers to the action of an adulterous woman in relation to a man who did not make the commandments of God as the apple of his eye. Given the paucity of narrative episodes that make use of this metaphorical construction, it is reasonable that, due to its rhetorical precision, it should be analyzed as an artistically planned literary element.

**Keywords:** Hebrew Bible; Old Testament exegesis; narrative analysis; עז־פָּנִים; little horn.

## Introdução

A expressão *duro semblante* (עז־פָּנִים 'az-pānīm),<sup>1</sup> como será, aqui, traduzida, é uma das características do *chifre pequeno* (קַרְנֵי צֶמֶד קָטָן).

<sup>1</sup> Usar-se-á, ao longo do texto a transliteração das palavras e expressões em língua hebraica, seguindo o padrão da Society Biblical Literature – SBL (Alexander et al., 1999, p. 25-29). Outrossim, há de se dizer que, no corpo do presente texto, optou-se



qeren-’ahat miš’irā) do capítulo 8 do livro de Daniel, que aparece na parte principal da interpretação da visão, no versículo 23. Os versos 23-26, por conseguinte, parecem ser a razão da revelação (Miller, 1994, p. 234). Portanto, a compreensão correta da expressão dentro do contexto pode ser útil para o melhor entendimento desse emblemático capítulo.

Alguns estudiosos pensam que essa expressão seria uma característica física da personagem (Stefanovic, 2007, p. 316). No entanto, esta designação parece ser uma expressão idiomática (Collins; Collins, 1993, p. 339). A referência, portanto, seria a uma característica de carácter ou feição comportamental da persona do ator atuante no mundo narrado pela profecia (Stefanovic, 2007, p. 316, 317).

O termo *face* (פָּנֵי pāneh), de fato, sobretudo quando aparece modificado com prefixos ou sufixos, é normalmente empregado nas Escrituras com conotações simbólicas e/ou metafóricas (Simian-Yofre, 2001, p. 591-595). A maioria dos estudiosos entende a expressão como indício de que o *chifre pequeno* é uma entidade arrogante, orgulhosa, insolente (Baldwin, 1978, p. 178), devassa, impiedosa e inflexível (Slotki, 1951, p. 70). Todas estas ideias parecem estar relacionadas dentro do contexto do capítulo. Uma vez que nenhuma delas, necessariamente, exclui a outra, é razoável que se diga que, na verdade, elas se complementam.

Além disso, há de se levar em consideração, a partir da intertextualidade com outros contextos narrativos da Bíblia Hebraica, onde a terminologia *duro semblante* (עֵז-פָּנִים ’az-pānim) ocorre, quais sejam os pontos de correspondência literária que podem convergir para o entendimento da associação metafórica com a personagem referenciada, no oitavo capítulo do livro de Daniel, como *chifre pequeno* (קֶרֶן-אֶחָד מִצְעִירָה qeren-’ahat miš’irā). Tal empresa, no entanto, não deve se limitar ao mero exame semântico de um verbete de dicionário, mas na abrangência do campo de percepção do narrador, cognoscível pela configuração do *discurso narrativo* de cada trama (Marguerat; Bourquin, 2009, p. 158-162). Porquanto, o arranjo literário das narrativas bíblicas, estabelecido pela pragmática argumentativa da narração,

---

pela permanência da grafia também em hebraico para fins de melhor visualização no idioma original das palavras e expressões colocadas em contraste. Pois, o jogo homógrafo paralelístico dos vocábulos em questão se constitui, na opinião dos articulistas, como um elemento retórico artisticamente planejado, que o leitor precisa ter a oportunidade de vislumbrar. Por conseguinte, no decorrer da leitura, ter-se-á a tradução das palavras e expressões em itálico (sempre que for pertinente), os termos em hebraico, seguidos da transliteração sobrescrita.



fornece, ao ouvinte-leitor, o acesso às camadas de significado implícitas nas expressões metafóricas empregadas (Alter, 2011, p. 7-15; 217-220).

A configuração estética, no âmbito das narrativas da Bíblia Hebraica, constitui-se como uma ferramenta literária artisticamente planejada em face das pretensões retóricas do narrador (Bar-Efrat, 2008, p. 64-77). A investigação exegética que os recentes estudos literários têm empreendido, em vista de se decifrar a intencionalidade artístico-retórica empregada na edição do texto canônico, são metodologicamente ajustados pela *análise narrativa* (Ska, 2009, p. 140-141). Tal abordagem, por conseguinte, assevera que conteúdo e configuração estética de um texto são indivisivelmente a própria mensagem (Berlin, 1996, p. 302).

Assim, ao deslocar-se uma locução simbólica de um contexto narrativo para outro, por meio do estabelecimento da relação entre significante e significado, deve-se reter, da locução original, o centro de referência pragmático-retórico para integrá-lo diretamente ao esquema de representação alocutário. No que se refere à expressão *duro semblante* (עֲז־פָּנִים 'az-pānīm), pretende-se, aqui, verificar a correspondência literária de Dn 8,23 com Dt 28,50 e Pv 7,13. Dada a exiguidade de episódios narrativos que se valem dessa construção metafórica, é razoável que esta, em virtude de sua precisão retórica, seja analisada como elemento literário artisticamente planejado.

Esse empreendimento, contudo, ficará mais perceptível ao se observar preliminarmente, no âmbito literário-teológico da Torá, as feições simbólicas do substantivo *faces* (פָּנִים pānīm). Isso porque, no contexto da constituição da *aliança sináitica*, tal vocábulo constitui a simbologia representativa da *presença* de YHWH, cuja contrafação parece estar sendo empreendida em Dn 8. Com isso, evidencia-se o contraste teológico estabelecido em torno da questão da [in]fidelidade ao SENHOR, vertida pelo comportamento do *chifre pequeno*.

## 1 Considerações preliminares acerca da simbologia do substantivo פָּנִים pānīm

A atenção, aqui, será primeiramente voltada para o substantivo *faces* (פָּנִים pānīm), cuja forma פָּנֶה pāneh, relativa ao singular absoluto, é teórica e hipotética (Holladay, 2010, p. 416-417), visto que, na acepção de rosto, semblante ou face, ela ocorre sempre no plural (Hamilton,



1980, p. 727-728). Outrossim, פנה *pānā* ocorre mais de duas mil vezes no texto do Antigo Testamento, sob 63 formas diferentes (Lisowisky, 1958, p. 1158-1174). A acepção de פָּנִים *pānīm*, que comumente pode variar entre *rosto, cara, face, feições, semblante*, entre outras, pode refletir tanto a *figura, superfície* ou *forma*, quanto o *aspecto* ou *gesto* da imagem (Alonso Schökel, 1997, p. 538-542), como é o caso da expressão עֵז-פָּנִים *'az-pānīm*, em Dt 28,50 e Dn 8,23, onde denota o sentido de *duro semblante, olhar arrogante, feroz catadura* ou *rosto duro*, para fazer referência a um governante *injusto e opressor*. No entanto, פָּנִים *pānīm* pode, também, fazer referência ao comportamento de Deus por meio de feições do rosto humano, bem como, em sentido cúltico, comunicar a recepção, a aprovação e/ou a permanência do SENHOR (Van Rooy, 1997, p. 637-642).

Conquanto, em relação as extensas possibilidades de uso da palavra פָּנִים *pānīm*, ela seja utilizada para representar as *faces* ou a *presença* de Deus, existe, também – no caso de construções frasais *nomen rectum*, onde o segundo de dois substantivos repetidos possui *status* construto –, a possibilidade de פָּנִים *pānīm* deslocar seu sentido de *faces* para a referência espacial de determinada *presença* (Simian-Yofre, 2001, p. 596-597). Por conseguinte, em Ex 25,30, a proximidade de פָּנִים *pānīm* com לְפָנָי *lōpānay* – ambas as palavras decorrem hipoteticamente de פָּנֵה *pāneh* – é um indicativo de que o significado de *pães das faces* tenha a ver com o fato de o *pão* ser colocado próximo da *presença* do SENHOR, manifestada, logo atrás da cortina, no *lugar santíssimo* do santuário (Gane, 1992, p. 181). Neste sentido, לְפָנָי *lōpānay*, significando literalmente *na minha face/presença*, faz referência à *presença* espacial do SENHOR.

Destarte, o fragmento frasal do segmento *na minha face, continuamente* (לְפָנָי תָּמִיד *lōpānay tāmīd*), constitui-se como um símbolo da continuidade teológica do encontro entre o SENHOR e o seu povo (Cassuto, 1967, p. 340; Alexander, 2016, p. 156; Propp, 2006, p. 397; Dozeman, 2009, p. 616-617). Porquanto, em continuidade à expressão *pães das faces* (לֶחֶם פָּנִים *lechem pānīm*), a expressão *na minha face, continuamente* (לְפָנָי תָּמִיד *lōpānay tāmīd*), em Ex 25,30, denota que a aceitação dessas ofertas por parte do SENHOR estabelece uma comunhão de *mesa* duradoura entre Deus e o seu povo (Simian-Yofre, 2001, p. 597). Neste ínterim, a proximidade de *faces* (פָּנִים *pānīm*) com *na minha presença* (לְפָנָי *lōpānay*) denota que a *face* do SENHOR, também, constitui-se como objeto de esperança e expectativa humana (Van Rooy, 1997, p. 639). Por conseguinte, em perspectiva desse conagraçamento recíproco, conforme consta em Nm 4,7, a *mesa* se torna



*mesa da presença* e o *pão* se torna em *pão contínuo*, ou seja, a *santidade* da *presença* do SENHOR é quem confere os sentidos teológicos aos elementos do culto, e não o contrário.

A compreensão de tal movimento da simbologia da *presença* de Deus é, por sua vez, ampliada ao se levar em consideração que o substantivo לִפְנֵי loḥpānay – construto plural de פָּנֶה pāneh, com preposição prefixada, que o transforma, também, em preposição – literalmente significa *diante do rosto de, para o rosto de*, que, em referência à pessoa de Deus, assume os sentidos de *à plena vista de, aos olhos de, à disposição de, na avaliação de* (Hamilton, 1980, p. 728). Destarte, o que *sacraliza o pão sobre a mesa* é a aceitação da oferta por parte do SENHOR, isto é, a proximidade à *santidade* dele, em contrapartida, *santifica* a oferta (Propp, 2006, p. 397). Assim, o fato de Deus não comer o *pão* santificado pela *presença* dele, devolvendo-o para ser comido pelos sacerdotes do *reino de sacerdotes e nação santa*, designa *pães das faces* (לֶחֶם פָּנִים lechem pānīm) como *pão da aliança* (Gane, 1992, p. 192).

Outrossim, o vocábulo תָּמִיד tāmid, em Ex 25,30, que ocorre mais de 100 vezes no texto do Antigo Testamento (Davidson, 1993, p. 763), abre, aqui, a oportunidade para que algumas especificidades retóricas contribuam para o entendimento acerca dos sentidos teológicos do rito do *pão sobre a mesa na presença* do SENHOR. Primeiramente, como substantivo, תָּמִיד tāmid denota a ideia de *continuidade* (Tomasino, 1997, p. 302-305). Em segundo lugar, na acepção de adjetivo, o vocábulo תָּמִיד tāmid ganha presença como *continuamente*, entretanto, mais especificamente como *ininterrupto* (Vine; Unger; White Jr, 2002, p. 81-82), como se pode observar em Ex 30,7-8, Nm 28,6 e Ez 46,15. Por fim, como advérbio – que é o caso de Ex 25,30, onde esta palavra surge pela primeira vez em todos os casos do Antigo Testamento –, o vocábulo תָּמִיד tāmid absorve, ao mesmo tempo, o duplo sentido de *continuamente* e *continuidade*.

Esses aspectos da *continuidade* (תָּמִיד tāmid) da *presença* (עֲז־פָּנִים pānīm) do SENHOR no tabernáculo são sintomáticos da própria natureza da simbologia da habitação de Deus entre seu povo, isto é, “o conteúdo de sua habitação é fornecido na descrição do próprio tabernáculo. Deus está continuamente presente no tabernáculo portátil” (Childs, 1991, p. 540). Assim, “ter um santuário portátil também é refletir com mais precisão o Deus que ali habita” (Fretheim, 1991, p. 275). Neste íterim, a *presença* do SENHOR não se limita ao entendimento de sua localização espacial em seu santuário entre o povo, mas, em perspectiva da simbologia que



eflui da sua *contínua mobilidade e ininterrupta habitação tabernacular*, estende-se teologicamente à sua *residência* no íntimo de seu povo, para que ele *habite* no mundo.

Dada a dificuldade de se imaginar a paradoxal *presença* da divindade em uma edificação feita por homens, a narrativa exodal se esforça para estabelecer uma representatividade acessível à compreensão humana, no entanto, toma cuidado para não reter – caso tentasse soar familiar demais – o potencial simbólico do mistério transcendente (Hundley, 2011, p. 39). Destarte, o emprego do jogo de palavras פָּנִים לְפָנֵי pānim lōpānay (Ex 25,30) estabelece uma concepção de *presença* que, ao evocar a ideia de *face* de figuras da realeza ou divindades (Alter, 2004, p. 463), denota um sentido de *solene reverência* (Johnstone, 2014, p. 258-260). Assim, por meio do culto do santuário, Israel pode ser assegurado da *presença* de seu Deus, bem como da *proteção* e do *sustento* que a *santidade* dela garantem (Hundley, 2011, p. 97).

## 2 Duro semblante (עַז־פָּנִים 'az-pānīm) em Dt 28,50 e Pv 7,13 como *lócus* referencial

A referência simbólica da expressão *duro semblante* (עַז־פָּנִים 'az-pānīm) será, a seguir, investigada em duas perspectivas: (1) na descrição adjetiva da personagem referida por ela; (2) em vista da ação depreendida pelos atores personificados pela representação dessa imagem. Primeiramente, em Dt 28,50, a referência narrativa aponta para uma nação que, em virtude da violação da *aliança*, é enviada por YHWH para exercer juízo sobre Israel. Em seguida, em Pv 7,13, o discursista descreve uma mulher adúltera que subverte os valores e destrói a vida do homem ingênuo, que se esquece dos mandamentos do SENHOR.

### 2.1 Deuteronômio 28,50: עַז־פָּנִים 'az-pānīm, uma nação feroz de rosto

Uma característica literária marcante do livro de Deuteronômio é que as passagens narrativas são visivelmente minoritárias, se tratando, portanto, de uma narração epicisante, que traz sinteticamente, na voz discursiva do protagonista, tanto a trama relatada quanto advertências explicativas acerca do enredo (Rose, 2009, p. 294-296). Além disso, em virtude da locação cênica e da fatia temporal dessa sessão narrativa estarem situadas numa encruzilhada da trama, onde o povo se encontra



fora da *terra prometida*, aguardando pela misericórdia de YHWH para conquistá-la, a sensação transmitida à audiência do *discurso narrativo* é de se estar em exílio (Polzin, 1987, p. 92). Dessa forma, a *unidade temática* do enredo converge para a fidelidade ao SENHOR e a manifestação de suas bênçãos.

A pragmática casuística de *bênção e maldição*, contextual a Dt 28,50, que evoca o episódio da maldição após a *queda*, em Gn 3, por desobediência às palavras de YHWH, situa retoricamente a audiência num lugar experiencial de antecipação do exílio, perpetrado por uma nação estrangeira, em caso de desobediência à Lei promulgada no Sinai (Sailhamer, 1992, p. 471). Assim, a expressão metafórica *duro semblante* (עֲז־פָּנִים 'az-pānīm), atribuída à nação *feroz*, que viria pôr Israel em cativeiro, descreve as feições de um sistema de poder sem nenhuma consideração especial e nenhuma *face* favorável, como foi o SENHOR, ao ouvir o clamor de seu povo e o libertar da escravidão egípcia, manifestando sua *face/presença* salvadora (Alter, 2004, p. 1017). Assim, a simbologia descreve um inimigo impiedoso, inversamente proporcional à misericórdia do SENHOR, cuja atuação decorre da impiedade do povo, em um movimento contrário à fidelidade, que os conduziria às bênçãos prometidas.

Nesse contexto, as expressões *pães das faces/presença* (לֶחֶם פָּנִים lechem pānīm) e *perante mim, continuamente* (לְפָנַי תָּמִיד lōpānay tāmīd) em Ex 25,30, evocam, pela simbologia da palavra פָּנִים pānīm, o papel do SENHOR como aquele que propõe a *aliança*. A palavra *faces* (פָּנִים pānīm), quando relacionada ao SENHOR no tabernáculo, simboliza uma *presença* salvadora e protetora. Assim, a relação entre Ex 25,30 e Dt 28,50 pode ser observada na contraposição – evidente pelo contraste das expressões quase homógrafas: לֶחֶם פָּנִים lechem pānīm e עֲז־פָּנִים 'az-pānīm – entre a provisão *contínua* e a *presença* benevolente de Deus simbolizadas pelos *pães da presença* (לֶחֶם פָּנִים lechem pānīm) e a *severidade* e *opressão* representadas pelo *rosto feroz* (עֲז־פָּנִים 'az-pānīm) da nação estrangeira, tal como fora o regime discricionário do Egito escravista. Em Ex 25,30, a *presença* de Deus é uma fonte de sustento *contínuo* (תָּמִיד tāmīd) – simbolizado pelos *pães* (לֶחֶם lechem) –, enquanto em Dt 28,50, a desobediência à Lei causa a substituição dessa *presença* por uma *força opressora* – simbolizada pela feição *feroz* (עֲז 'az) –, subvertendo as promessas da *aliança* e trazendo exílio e maldição.



## 2.2 Provérbios 7,13: הַעֲזָה פְּנִיָּהּ he'ezāh pāneyhā, uma mulher adúltera com cara impudente

O livro de Provérbios é literariamente caracterizado pelo jogo metafórico, cuja configuração retórica se dá por meio de quadros de referência que, na seção contextual à Pv 7,13, estabelece paralelismos do mundo concreto com simbolismos que apontam para o destino espiritual da humanidade (Williams, 1987, p. 275, 276). O capítulo 7 constitui-se de uma linguagem paternal de um pai/mestre que dirige palavras de conselhos ao seu filho/discípulo contra a astúcia de uma mulher fatal, que quer desviá-lo de seus sábios ensinamentos, subvertendo assim a sua sabedoria em tolice, e a sua prosperidade em desgraça (Buehlmann, 2009, p. 602, 603). Embora, em Pv 7,13, haja a ocorrência de uma variação da expressão *duro semblante* (עַד-פְּנִים az-pānīm), a presença do substantivo *face* (פְּנֵה pāneh), em *cara impudente* (הַעֲזָה פְּנִיָּהּ he'ezāh pāneyhā), evoca metaforicamente a feição, desprovida de pudor, de um agente sedutor que, por sua astúcia, subverte o coração humano, apresentando-se como uma contrafação da *face/presença* da sabedoria paterna (Simian-Yofre, 2001, p. 594).

Este contraste é especialmente evidente ao considerar a simbologia presente em Ex 25,30, onde a palavra *faces* (פְּנִים pānīm), comum a ambos os contextos, é profundamente significativa: em Provérbios, ela retrata uma *face enganosa e sedutora*, enquanto em Êxodo, representa a *face divina* que oferece *sabedoria e orientação*. Essa dualidade entre a *sedução/engano* da mulher e a *orientação/sabedoria* provenientes da *presença divina* desempenha um papel crucial na compreensão dos ensinamentos de Provérbios em perspectiva da mensagem do tabernáculo em Êxodo, pois, ao passo que Provérbios alerta contra influências negativas que desviam da sabedoria e conduzem à *ruína espiritual*, Êxodo destaca a importância da fidelidade à lei divina como garantia de *sabedoria e sustento*. Isso porque a *presença contínua* do SENHOR no tabernáculo não apenas simboliza proteção divina, mas também representa a *sabedoria* e o *conhecimento* que ele oferece para guiar seu povo, permitindo-lhe discernir entre o certo e o errado, e entre justiça e injustiça/opressão.

O *discurso narrativo*, portanto, que eflui da *unidade temática*, tanto do enredo exodal quanto da retórica discursiva proverbial, convergem para a questão da [in]fidelidade aos ensinamentos do SENHOR. Em Ex 25,30, *faces* (פְּנִים pānīm) se refere a *presença* da sabedoria divina, vertida pelo ritual que simboliza a incorporação da Lei de Deus, ao passo que, em



Pv 7,13 *faces* (פָּנִים pānīm) denota o comportamento subversivo de uma prostituta, cujo interesse é fomentar a rejeição da sabedoria divina. Por conseguinte, a imagem da mulher sedutora com *cara impudente* (הֶעְזָה פָּנֶיהָ he'ēzāh pāneyhā), por meio de um processo de subjetivação da sabedoria divina, denota uma traição ao SENHOR, consumada por meio de uma paixão insensata.

### 3 *Duro semblante* (עז־פָּנִים 'az-pānīm) em Daniel 8,23 como *locus* correspondente

O termo hebraico עז 'az, quando usado como adjetivo, pode ser traduzido como *forte, poderoso e/ou feroz* (Brown, 2010, p. 738). Na Bíblia hebraica, suas aplicações, quando positivas, referem-se às obras criativas do SENHOR, quando negativas, muitas vezes aludem a uma entidade suplantando ou derrotando outra. Mesmo quando não acompanhado do substantivo *face* (פָּנֶה pāneh), aparece em contextos militares (Wagner, 2001, p. 4-9). A ideia, presente em Dn 8, oriunda da conexão entre *chifre e poder* é comum na literatura hebraica (Kedar-Kopfstein, 2004, p. 172-174).

Entretanto, o único lugar da Bíblia Hebraica onde se encontra a expressão exata, *duro semblante* (עז־פָּנִים 'az-pānīm), sendo repetida é Dt 28,50. Isso é importante porque o autor de Daniel está provavelmente evocando o contexto de Deuteronômio. Ali tem-se a presença das maldições que iriam cair sobre o povo de Deus, caso este quebrasse a *aliança*. Entre as consequências, ter-se-ia cerco, fome, escravidão, cativo etc.

Isso denota que as investidas contra o povo de Deus não ocorrem dentro de um vácuo. Beale (2012, p. 44) sugere que estas alusões referenciais contribuem para a interpretação do texto correspondente. Ou seja, esta referência parece sugerir que as atividades do *chifre pequeno* são uma consequência direta da quebra da *aliança* entre Deus e seu povo.

Além disso, é interessante a referência a sabedoria do *chifre pequeno*. Ele parece ser hábil com enigmas (Dn 8,23). Sabedoria normalmente, na Bíblia Hebraica, é vista como a fonte da verdadeira força (Pv 24,5). Em Dn 8, no entanto, o *chifre pequeno* parece se empenhar em uma campanha para usurpar o lugar de Deus. Razão pela qual, muitos estudiosos cristãos o veem como o próprio anticristo ou, pelo menos, como uma prefiguração dele (Miller, 1994, p. 237, 238).



Outrossim, a referência à sabedoria se conecta com a variante textual de Pv 7,13, onde a prostituta tenta seduzir sua vítima. Curiosamente ela cita suas ofertas e/ou votos em relação ao templo. A menção da oferta é um vínculo interessante com a atividade do *chifre pequeno* contra o תָּמִיד *tāmīd* (Dn 8,10-14). O *contínuo* englobava toda a atividade sacerdotal diária – já ritos como o YOM KIPPUR eram de execução anual – em benefício do pecador (Holbrook, 1986, p. 405, 406).

Ali a prostituta, com sua *cara impudente*, mostra o seu completo desdém em relação ao templo, suas ofertas e a Torá (Lacocque, 1979, p. 163). Prostituição na Bíblia Hebraica, muitas vezes, aparece na forma de símbolos/metáforas referindo-se a idolatria ou apostasia espiritual. O *chifre pequeno* parece propagar a prostituição ou apostasia espiritual como uma prostituta astuta e sedutora.

As expressões *pães da presença* (לֶחֶם פָּנִים *lehem pānim*) e *na minha face/presença (perante mim)*, *continuamente* (לִפְנֵי תָּמִיד *lepānay tāmīd*), em Ex 25,30 evidenciam, através da simbologia da palavra פָּנִים *pānim*, o papel do SENHOR como o proponente da *aliança*. Em contraste, a expressão *duro semblante* (עַז־פָּנִים *'az-pānim*) caracteriza um poder que usurpa a dignidade divina e subverte as garantias da *aliança*. Quando relacionada ao SENHOR no contexto do tabernáculo, a palavra *faces* (פָּנִים *pānim*) simboliza uma *presença* salvadora e protetora.

No entanto, ao ser associada ao termo עַז *'az* em Dn 8,23, essa mesma *presença* transforma-se em um símbolo de escravidão e opressão. Dessa maneira, toda a conotação positiva da *presença* do SENHOR, que no contexto da *aliança* e do ritual do santuário implica proteção e sustento, é invertida por uma representação metafórica diametralmente oposta. O *chifre pequeno* usurpa o lugar de Deus, subvertendo a sabedoria divina, de modo semelhante à *mulher adúltera* de Pv 7,13, que desvia o coração humano da verdadeira sabedoria.

Dessa forma, é razoável que se diga que: (1) no âmbito da descrição adjetiva da personagem referida por *duro semblante* (עַז־פָּנִים *'az-pānim*), tem-se o *chifre pequeno* tomando o lugar de YHWH no santuário e assumindo suas prerrogativas; (2) em vista da ação depreendida pelos atores personificados pela representação dessa imagem, entretanto, tem-se a suspensão de todas as garantias da *aliança*, instituindo-se um regime opressor aos moldes do governo do faraó egípcio. Tal subversão, todavia, é oportunizada pela sedução da consciência do povo em vista da quebra da sua *aliança* com Deus.



## Considerações finais

O *chifre pequeno* parece ser uma amálgama de características negativas. A expressão *duro semblante*, no entanto, além de descrever essas feições, carrega, também, a referência aos efeitos da ação desse poder impiedoso. Ademais, por se tratar de um sistema opressor alimentado pela fraqueza de Israel, decorrente de seu afastamento de YHWH, a expressão metafórica עז־פָּנִים 'az-pānīm, na retórica do *discurso narrativo* em Dn 8,23, reflete a contrafação da *face* misericordiosa do SENHOR.

Enquanto as expressões *pães das faces/presença* (לֶחֶם פָּנִים *leḥem pānīm*) e *na minha face/presença (perante mim)*, *continuamente* (לִפְנֵי תָמִיד *lōpānāy tāmīd*), em Ex 25,30, evocam, da simbologia do vocábulo פָּנִים *pānīm*, o caráter do SENHOR como propositor da *aliança*, a expressão *duro semblante* (עז־פָּנִים 'az-pānīm), descreve as feições do poder usurpador da dignidade divina, bem como representa a subversão das garantias da *aliança*. A palavra פָּנִים *pānīm*, relacionada ao SENHOR dentro do tabernáculo, simboliza uma *presença* salvífica e protetora, no entanto, ao ser associada ao termo עז 'az, em Dn 8,23, essa *presença* se converte em símbolo de escravidão e opressão. Assim, toda a conotação positiva da *presença* do SENHOR no contexto da *aliança*, simbolizada pelo ritual do santuário, é subvertida por uma representação metafórica totalmente contrária, ou seja, o *chifre pequeno* usurpa o lugar de Deus e essa *presença* maligna acarreta, como efeito, a suspensão de todas as garantias da *aliança*.

Na perspectiva da descrição adjetiva da personagem referida por עז־פָּנִים 'az-pānīm, denota-se o aspecto da *presença*, como um espelho distorcido da imagem de YHWH no santuário. Em vista da ação depreendida pelo ator personificado pela representação dessa imagem, o *chifre pequeno*, denota-se o quanto sua ação subverte a atuação do SENHOR em favor de seu povo, tal qual é simbolizada no ritual do santuário exodal. A referência a Dt 28,50 e Pv 7,13, por conseguinte, realça a questão da quebra da *aliança*, por parte do povo, nesse espelhamento distorcido entre YHWH e o *chifre pequeno*, isto é, a quebra da *aliança* é o vetor da contrafação da *presença/faces* (פָּנִים *pānīm*) de Deus pela atuação da *presença maligna* (עז־פָּנִים 'az-pānīm) do *chifre pequeno* na história do povo de Deus.

Enfim, há de se dizer que, no âmbito da configuração retórica do *discurso narrativo* de Dn 8,23, a expressão עז־פָּנִים 'az-pānīm constitui-se como uma metáfora da contrafação da *presença* e *atuação* de Deus entre seu povo, viabilizada pela sedução à *infidelidade* à *aliança*.



## Referências

ALEXANDER, Patrick H. *et al.* *The SBL Handbook of Style: For Ancient Near Eastern, Biblical, and Early Christian Studies*. Peabody: Hendrickson Publishers Inc., 1999.

ALEXANDER, T. Desmond. *Exodus*. (Teach the Text Commentary Series). Grand Rapids: Baker Books, 2016.

ALONSO SCHÖKEL, Luis. *Dicionário bíblico hebraico-português*. São Paulo: Paulus, 1997.

ALTER, Robert. *The Five Books of Moses: A Translation with Commentary*. New York: W. W. Norton & Company, 2004.

ALTER, Robert. *The Art of Biblical Narrative*. New York: Basic Books, 2011.

BALDWIN, Joyce G. *Daniel: An Introduction and Commentary*. Downers Grove: InterVarsity Press, 1978.

BAR-EFRAT, Shimon. *Narrative Art in the Bible*. New York: T&T Clark, 2008.

BEALE, Gregory K. *Handbook on the New Testament Use of the Old Testament: Exegesis and Interpretation*. Grand Rapids: Baker Books, 2012.

BERLIN, Adele. Introduction to Hebrew Poetry. In: DORAN, Robert *et al.* (ed.). *The New Interpreter's Bible*. Vol. 4. Nashville: Abingdon Press, 1996.

BROWN, Francis; DRIVER, Samuel R; BRIGGS, Charles A; GENSENIUS, Wilhelm; ROBINSON, Edward. *The Brown-Driver-Briggs Hebrew and English Lexicon*. Peabody: Hendrickson Publishers, 2010.

BUEHLMANN, Alain. Proverbes. In: RÖMER, Thomas; MACCHI, Jean-Daniel; NIHAN, Christophe (éd.). *Introduction à L'Ancien Testament*. (Le Monde de la Bible – n. 49). Genève: Labor et Fides, 2009. p. 601-611.

CASSUTO, Umberto. *A Commentary on the Book of Exodus*. Jerusalem: The Magnes Press, The Hebrew University, 1967.

CHILDS, Brevard S. *Exodus: a commentary*. (Old Testament Library). London: SCM Press, 1991.

COLLINS, John J; COLLINS, Adela Y. *Daniel: A Commentary on the Book of Daniel*. Minneapolis: Fortress Press, 1993.



DAVIDSON, Benjamin. *The Analytical Hebrew and Chaldee Lexicon*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1993.

DOZEMAN, Thomas B. *Commentary on Exodus*. (The Eerdmans Critical Commentary). Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 2009.

FRETHEIM, Terence E. *Exodus*. (Interpretation: A Bible Commentary for Teaching and Preaching). Louisville: John Knox Press, 1991.

GANE, Roy E. "Bread of the Presence" and Creator-in-Residence. *Vetus Testamentum*, vol. 42, n. 2, abr. 1992, p. 179-203. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1519498>. Acesso em: 20 jan. 2020.

HAMILTON, Victor P. עֲז־פָּנִים. In: HARRIS, R. Laird; ARCHER, Gleason L.; WALTKE, Bruce K. (org.). *Theological Wordbook of the Old Testament*. Chicago: Moody Publishers, 1980. p. 727-728.

HOLLADAY, William L. *Léxico hebraico e aramaico do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2010.

HOLBROOK, Frank B. *Symposium on Daniel*. Vol. 2. (Daniel & Revelation Committee Series). Washington: Biblical Research Institute, 1986.

HUNDLEY, Michael B. *Keeping Heaven on Earth: Safeguarding the Divine Presence in the Priestly Tabernacle*. (Forschungen zum Alten Testamen 2. Reihe – 50). Tübingen: Mohr Siebeck, 2011.

JOHNSTONE, William. *Exodus 20-40*. (Smyth & Helwys Bible Commentary). Macon: Smyth & Helwys Publishing Incorporated, 2014.

KEDAR-KOPFSTEIN, B. קֶדָר. In: BOTTERWECK, G. Johannes; RINGGREN, Helmer; FABRY, Heinz-Josef (ed.). *Theological Dictionary of the Old Testament*. Vol. XIII. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 2004. p. 167-174.

LACOCQUE, André. *The Book of Daniel*. Atlanta: John Knox Press, 1979.

LISOWISKY, Gerhard. *Konkordanz zum Hebräischen Alten Testament*. Stuttgart: Württembergische Bibelanstalt, 1958.

MARGUERAT, Daniel; BOURQUIN, Yvan. *Pour lire les Récits Bibliques: initiation à l'analyse narrative*. 4. ed. Paris: Les Éditions du CERF, 2009.

MILLER, Stephen R. *Daniel*. Nashville: B&H Publishing Group, 1994.



POLZIN, Robert. Deuteronomy. In: ALTER, Robert; KERMODE, Frank (ed.). *The Literary Guide to the Bible*. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 1987. p. 92-101.

PROPP, William H. C. *Exodus 19-40: A New Translation with Introduction and Commentary*. (The Anchor Bible Commentary – vol. 2A). New York: Doubleday, 2006.

ROSE, Martin. Deutéronome. In: RÖMER, Thomas; MACCHI, Jean-Daniel; NIHAN, Christophe (éd.). *Introduction à L'Ancien Testament*. (Le Monde de la Bible – N° 49). Genève: Labor et Fides, 2009. p. 294-309.

SAILHAMER, John H. *The Pentateuch as Narrative: A Biblical-Theological Commentary*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1992.

SIMIAN-YOFRE, Horacio. פְּנִיָּם. In: BOTTERWECK, G. Johannes; RINGGREN, Helmer; FABRY, Heinz-Josef. (ed.). *Theological Dictionary of the Old Testament*. Vol. XI. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 2001. p. 589-615.

SKA, Jean L. Sincronia: L'Análisi Narrativa. In: SIMIAN-YOFRE, Horácio (org.). *Metodologia Dell'Antico Testamento*. Bologna: Edizioni Dehoniane Bologna, 2009. p. 139-170.

SLOTKI, Judah J. *Daniel, Ezra and Nehemiah: Hebrew Text & English Translation with an Introduction and Commentary*. New York: Soncino Press, 1951.

STEFANOVIC, Zdravko. *Daniel: Wisdom to the Wise: Commentary on the Book of Daniel*. Nampa: Pacific Press Publishing Association, 2007.

TOMASINO, Anthony. פְּנִיָּד. In: VanGEMEREN, Willem A. (ed.). *New International Dictionary of Old Testament Theology & Exegesis*, vol. 4. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1997. p. 302-305.

VAN ROOY, Harry F. פְּנִיָּם. In: VanGEMEREN, Willem A. (ed.). *New International Dictionary of Old Testament Theology & Exegesis*, vol. 3. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1997. p. 637-642.

VINE, William E.; UNGER, Merril F.; WHITE Jr, William. *Dicionário Vine: O significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento*. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

WAGNER, S. זָרָא. In: BOTTERWECK, G. Johannes; RINGGREN, Helmer; FABRY, Heinz-Josef (ed.). *Theological Dictionary of the Old*



*Testament*. Vol. XI. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 2001. p. 1-11.

WILLIAMS, James G. Proverbs and Ecclesiastes. *In*: ALTER, Robert; KERMODE, Frank (ed.). *The Literary Guide to the Bible*. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 1987. p. 263-282.